

Quilombo do Areal/Luís Guaranha: localizado na Rua Luís Guaranha, na Cidade Baixa, o Quilombo foi reconhecido em 2004. A região integrava a propriedade do Barão e da Baronesa do Gravatahy. No final do século XIX e próximo à abolição da escravidão, a região foi urbanizada. A permanência na região e as diversas formas de sociabilidade entre as famílias afrodescendentes possibilitaram o reconhecimento da Rua Luís Guaranha como “Quilombo Urbano”.



Sankofa
“nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou no passado”



Largo Zumbi dos Palmares: localizado na Cidade Baixa, o Largo Zumbi dos Palmares ganha esta designação a partir das marchas dos anos 70, promovidas por ativistas do movimento negro, que marcam o início da atual fase de mobilização em favor da igualdade racial e de combate ao racismo.



Dwannimmen
Humildade e força

Nos bairros de Porto Alegre encontramos novos espaços sendo transformados em territórios negros: a Vila Cruzeiro, a Vila São José, o Bairro Leopoldina e a Vila Restinga.

São regiões onde atualmente se localiza a maioria da população afro-brasileira de Porto Alegre. Esses espaços somam-se aos territórios mais antigos e aos espaços dispersos pela cidade, como os

locais de culto das religiões afro-brasileiras e africanas, e aos quilombos urbanos (da Família Silva, dos Alpes, do Areal/Luís Guaranha e da Família Fidélix).

Mais que apenas espaços físicos, os Territórios Negros constituem-se em locais de afirmação da história e da cultura afro-brasileira, conferindo a Porto Alegre a condição de uma cidade com grande diversidade etnicorracial.

TERRITÓRIOS NEGROS: AFRO-BRASILEIROS EM PORTO ALEGRE



O percurso **Territórios Negros: Afro-Brasileiros em Porto Alegre** tem o objetivo de colocar em destaque as regiões da cidade que se constituíram, ao longo da história, em espaços de referência cultural da população afro-brasileira.

Promove a visibilização, através de referências espaciais, das práticas culturais e dos modos de vida dos negros, desde a sua atuação como trabalhadores escravizados até os dias atuais, na sua caminhada pelo reconhecimento e afirmação no contexto social como grupo étnico com valores, princípios e importância notáveis e fundamentais na formação de uma Porto Alegre pluriétnica e multirracial.



Gye Nyame
“aquele que conhece e vê tudo”



Foto: Irene Santos

A principal influência do percurso nos territórios negros de Porto Alegre é um trajeto feito pelo professor, poeta e ativista negro **Oliveira Silveira**, falecido em janeiro de 2009. Um dos idealizadores do 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra, na década de 70, Oliveira Silveira fazia um roteiro no centro da cidade apontando a presença dos negros na história e no cenário porto alegreense.

Há também ligação com o Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, com a Cavalgada do Piquete dos Lanceiros Negros contemporâneos e com a efetiva presença dos afro-brasileiros até os dias de hoje, por motivos cotidianos (como moradia, trabalho, compras e

pontos de encontro), políticos (na construção de políticas de ação afirmativas) e religiosos, além daqueles que trazem à lembrança os tempos dos trabalhos forçados da escravidão, a luta e resistência dos negros e o combate ao racismo no Brasil.



SECRETARIA DE
 DESENVOLVIMENTO SOCIAL



Pelourinho: situado em frente à Igreja de Nossa Senhora das Dores, era onde os trabalhadores negros escravizados eram supliciados quando quebravam as desumanas regras da escravidão. Essas infrações estavam sempre ligadas a atos de resistência, como fugas, revoltas contra as duras condições de trabalho e reação a injustiças dos senhores de escravos e das autoridades.

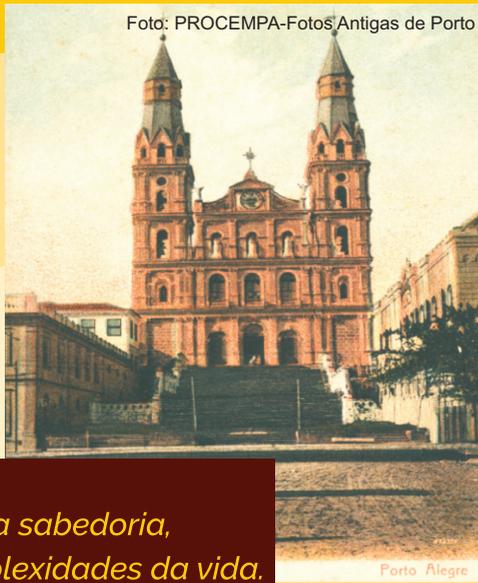


Foto: PROCEMPA-Fotos Antigas de Porto



Ananse
A teia de aranha - Símbolo da sabedoria, criatividade, engenho, e complexidades da vida.

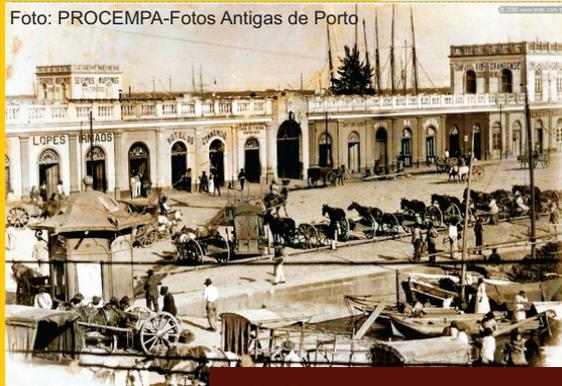


Foto: PROCEMPA-Fotos Antigas de Porto

Mercado Público: inaugurado em 1869, foi construído por trabalhadores negros escravizados. No centro da edificação, foi feito um assentamento dedicado a um orixá, o Bará, dos cultos religiosos africanos e afro-brasileiros. Até hoje o local é reverenciado e ali são realizados cultos e oferendas ao Bará.



Hye Wonhye
Símbolo da indestrutibilidade e da durabilidade.

Largo da Forca: atual Praça Brigadeiro Sampaio, localizada nas imediações do Museu do Trabalho e da Usina do Gasômetro, era o local onde ocorriam as execuções dos negros condenados em processos que prescreviam, geralmente, penas mais duras para os escravizados



foto: Museu da UFRGS

1894

PRAÇA DA BRIGADEIRO SAMPAIO, PORTO ALEGRE

Os símbolos que ornamentam este material pertencem à história do povo Ashanti e são conhecidos como Adinkra, um sistema de escrita filosófico, histórico e cultural africano.



Foto: PROCEMPA-Fotos Antigas de Porto Alegre



Akofena
Símbolo de coragem, valor e heroísmo.

Colônia Africana: localizada onde é hoje o Bairro Rio Branco, nas imediações das ruas Castro Alves, Casemiro de Abreu, Liberdade e Vasco da Gama, a dita "Colônia Africana" era mais uma das regiões em que os africanos e afro-brasileiros se estabeleceram, ao final do século XIX. Negros alforriados e, posteriormente, os libertos para ali afluíam.

Colônia Africana (Bairro), Porto Alegre.
Foto: PROCEMPA-Fotos Antigas de Porto Alegre



Sesa Wo Suban
A mudança necessária caracterizada pela estrela da manhã que simboliza "um renascer a cada dia»



Foto: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo / Fototeca Sioma Breitman

Ilhota: nas imediações do Ginásio Tesourinha e da Avenida Érico Veríssimo, a região era delimitada pelos arroios Dilúvio e Cascatinha. Foi um dos pontos de concentração da população negra de Porto Alegre. Ali os negros criaram uma liga para a prática do futebol, a "**Liga da Canela Preta**", e a região se notabilizou pela ligação com o samba e o carnaval em nossa cidade. Com a urbanização da região nos anos 60, sua população foi deslocada para a recém criada Vila Restinga

No início do século 20, os negros residentes em Porto Alegre organizaram a Liga Nacional de futebol Porto-alegrense, que congregava times de futebol formados somente por jogadores que não eram aceitos nos clubes de elite da cidade. O campeonato ficou conhecido de forma depreciativa como Liga da Canela Preta. O torneio é lembrado até hoje como uma forma de resistência ao preconceito racial.

